



Caracterização dos paradigmas e entraves no processo de transição escolar para o sexto ano do ensino fundamental no Brasil

Characterization of paradigms and obstacles in the process of school transition to the sixth grade of elementary school, Brazil

Maria Adelina Cavalcante Botelho Lins⁽¹⁾

⁽¹⁾Licenciatura em Biologia, pós-graduada em Ciências Biológicas e em Psicopedagogia, professora efetiva da rede estadual e municipal de ensino, gestora na Escola Municipal em Tempo Integral Rinaldo de Oliveira - Tamandaré, Acadêmica efetiva e fundadora da ATLA. E-mail: professoraneta@hotmail.com.

Todo o conteúdo exposto neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 22 de março de 2019; Aceito em: 29 de setembro de 2019; publicado em 01 de 10 de 2019. Copyright© Autor, 2019.

RESUMO: O presente trabalho de pesquisa tem a finalidade de trazer uma reflexão sobre a transposição do aluno do quinto para o sexto ano do ensino fundamental. Esta passagem manifesta sentimentos e comportamentos inerentes ao ser humano, porém, inadequado ao âmbito escolar. Os alunos passam a conviver com um novo contexto escolar e, com professores que adotam posturas diferentes em relação aos dos anos anteriores. Assim, virá momentos de dificuldades, alegrias e tristezas, fragilidade no desempenho escolar, incertezas e inseguranças. São raros os professores que possuem entendimento e compreensão desses sentimentos, gerados diante das incertezas para enfrentar os novos desafios. Na obtenção das informações, adotou-se uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico e, observações in loco nas escolas do ensino fundamental, existentes em Tamandaré (PE). Diante do entendimento adquirido, foi constatado que a chegada do aluno ao sexto ano traz momentos difíceis de adaptação, pois psicologicamente ele sofre, muitas vezes pela impaciência e as posturas diferenciadas dos novos professores. Tal fato provoca temor e ansiedade nos alunos, pois de forma bastante precoce, estão iniciando no mundo dos adultos.

PALAVRAS-CHAVE: transição, alunos do 6º ano, ensino fundamental, incompreensão dos professores.

ABSTRACT: The present research work has the purpose of bringing a reflection on the transposition of the student from the fifth to the sixth year of elementary school. This passage manifests feelings and behaviors inherent to the human being, however inadequate to the school environment. The students come to live with a new school context and with teachers who adopt different positions in relation to previous years. Thus, there will come moments of difficulties, joys and sorrows, fragility in school performance, uncertainties and insecurities. It is rare for teachers to have understanding and understanding of these feelings, generated in the face of uncertainties in order to face the new challenges. In order to obtain the information, a qualitative bibliographic approach was adopted, and in situ observations were made in the elementary schools in Tamandaré (PE). Facing the acquired understanding, it was verified that the arrival of the student to the sixth year brings difficult moments of adaptation, because psychologically it suffers, often by the impatience and the negative postures of the new teachers. This fact causes fear and anxiety in students, because at a very early stage, are starting in the world of adults.

KEYWORDS: transition, 6th grade students, elementary school, teacher incomprehension.

INTRODUÇÃO

A transposição do quinto para o sexto ano é apresentada como um período de transformações e desafios para o aluno, pois se submete a mudança de ambiente, novos sentimentos e comportamentos.

A entrada para a quinta série, representa o desejo de crescer, a conquista de nova identidade e promessa social, como também, promove a dor que esse crescimento traz ao aluno. O novo espaço ao qual a criança necessita se adaptar é um ambiente onde uma profusão de emoções, movimentos, sons se misturam, constituindo uma vida escolar diferente da anterior (BOSSA, 2000; p.81).

Então ao verificar que esse processo traz consigo diversas situações, a transposição do quinto para o sexto ano apresenta momentos que faz com que novos elementos tornem-se complexos as práticas vivenciadas por alunos e professores e esta passagem também pode dar margem a fatores como evasão e reprovação, neste novo ano tão cheio de surpresas.

O comportamento dos alunos no 6º ano é considerado uma gangorra oscilante, várias são as mudanças e atitudes; as alterações de humor e a convivência com diferentes professores possibilitam, ao aluno, a construção de novas formas de se relacionar com o conhecimento e, ser responsável por sua ação. Diante disso, faz-se a seguinte indagação: como lidar com esses alunos que estão se transformando em adolescentes e, estão entrando em um processo de transposição onde tudo é diferente?

Este trabalho tem por objetivo abordar sobre o processo psicológico dos alunos que vão cursar o 6º ano; destacar as mudanças que ocorrem no seu comportamento, dando ênfase ao corpo e mente; propor medidas para amenizar as consequências negativas e, tecer considerações sobre a problemática no sentido de obter um melhor entendimento dos professores e da própria gestão.

A pesquisa traz contribuições importantes e necessárias para os profissionais da área, apesar de ser uma temática em que poucos observam ou aceitam. Transfere conhecimentos e sugestões que devem ser adotados pelos docentes durante as aulas ou em outros momentos, pois se trata de uma importante ferramenta para amenizar os problemas que surgem no cotidiano escolar.

METODOLOGIA

Na coleta de informações, adotou-se a metodologia qualitativa de cunho bibliográfico, onde várias publicações sobre o tema abordado foram levadas em consideração. Também através de observações in loco em escolas do ensino fundamental, através de registros visuais e de relatos informais de alunos e professores do 6º ano.

A TRANSIÇÃO DO 5º PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Na organização de um sistema escolar, os alunos passam por vários processos de transição, que tem início no final da educação infantil até os cursos de pós-graduações.

Dentre as transições que passam os alunos em seu processo de escolarização, a do 5º para a 6º ano deveria ser caracterizada como sendo uma passagem para o mesmo nível de ensino, mas a mesma é marcada por uma ruptura que traz consigo uma série de fatores problemáticos. De acordo com Lourencetti (1999; p.126) essa transição é marcada pela apresentação de características que se diferenciam de outras séries escolares, por isso, deve-se estar atento as condições do cotidiano dos alunos, pois pode trazer consequências que refletirão de forma negativa nesta etapa de ensino.

O aluno vivencia imediatamente as diferenças e não sabe interpretar nem lidar com elas, portanto, logo surgirão vários fatores que irão interferir negativamente no desempenho escolar. No contexto dessa transição, verifica-se a mudança da unidocência para a pluridocência que em si é um aspecto que requer do educando uma adaptação urgente, pois passará a conviver com a entrada e saída constante de professores na sua sala de aula. As diversas didáticas apresentadas e trabalhadas pelos professores, levarão os alunos a fazerem inúmeras comparações entre os docentes. Além disso, é comum os professores do 6º ano não desenvolverem um laço de afetividade com esses alunos, embora tão presente nas séries anteriores (DIAS-DA-SILVA, 1997).

O alunado também é impactado quando descobrem que não mais terão a atenção daquele professor que sempre trabalhava de forma coletiva, e a interdisciplinaridade será trabalhada de forma mais distinta. A ausência dessa integração tem como efeito o distanciamento do aluno e do professor, cuja situação

inversa antes era vivida de forma intensa, quase maternal. Somando-se a tudo isto, ainda é visível que ao cursar o 5º ano era considerado um aluno mais velho, daquele contexto de turma, porém, quando estão no 6º ano, ele passa a ser observado como um aluno novato para esta turma e turno, portanto, deixa o seu tom de autoridade vivido na série anterior para o de submissão que a realidade lhe submete.

Apesar de todos esses fatores, normalmente o aluno logo se adapta a sua atual série, tornando-se mais autônomo e com mais liberdade para si e, nos seus relacionamentos com colegas e professores (DIAS-DA-SILVA; 1997, p.118). Na realidade, o professor deve lançar uma perspectiva de observação e uma atuação direcionada para trabalhar com os alunos da 6º ano, pois segundo Leite (1999, p.102) “as ações docentes devem ser guiadas pelo repertório inicial destes alunos e pelos objetivos que se pretendem atingir na série”.

Neste sentido, sugere-se algumas orientações para atuação dos docentes, no que se refere aos alunos do 6º ano: - quanto aos aspectos da estrutura e dinâmica da escola e da aula; quanto à organização pessoal e acadêmica; - fornecer instruções para a realização das atividades; utilizar procedimentos e recursos de ensino variados para desenvolver conteúdos/assuntos; acompanhar o desempenho e dificuldades de aprendizagens; sempre avaliar se os objetivos foram atingidos e a maneira como interage com os seus alunos em sala de aula e em outros ambientes da escola (LOPES, 2006; p.39).

A DIFÍCIL PASSAGEM PELO 6º ANO

O aluno do sexto ano é um ser em transformação, suas referências necessitam de novas estruturas. Para Dias-da-Silva (1997, p.91), existe uma ruptura entre o 5º e o 6º ano, tornando-se blocos isolados, ocorrendo à finalização de uma etapa para iniciar outra, uma vez que não existe uma relação sequencial entre os conteúdos.

Quando se remonta ao passado, a quinta série correspondia ao primeiro ano ginásial, que só era iniciado após um curso preparatório e um exame de seleção. O Ensino Fundamental I e II são mundos diferentes, habitados, um por crianças e outro por pré-adolescentes, apesar de passarem de uma série para outra como se fosse uma simples troca de ano letivo. No entanto, isto não é verdade, pois o quinto ano envolve

elementos diversos e nova estruturação por parte do aluno, as modificações são muitas e em graus diversos, envolvendo desde a perda da querida professora, perda de colegas - conforme o novo arranjo de classes, além, do início da puberdade, que apresenta mudanças de conduta. Assim, para o jovem, oprimido por uma dupla transformação, torna-se mais difícil neste ano letivo acompanhar os estudos.

Para socializar-se na escola e com as regras impostas por ela, o aluno deve procurar adaptar-se de maneira que satisfaça a escola e a si mesmo, mesmo com a existência deste conflito no processo de transição do Ensino Fundamental I para o Fundamental II.

EVASÃO, INDISCIPLINA E REPROVAÇÃO: A CRISE DO 6º ANO

Nas últimas décadas, observou-se na fase de transição do 5º para o 6º ano a persistência no aumento de reprovação, indisciplina e evasão no interior da escola pública. Tal fato pode ser decorrente da maneira como alguns professores encaminham suas metodologias de ensino em sala de aula. Devido estarem bem mais preparados para trabalharem com alunos mais experientes, e devido às novas mudanças, alguns alunos optam por evadir-se, ao entenderem –que não são capazes de aprenderem e absorverem tantas informações aqueles que continuam na escola, mesmo tendo a mesma opinião, geralmente não têm sucesso e logo são reprovados.

Diante das mudanças oriundas desse novo contexto de ensino, verifica-se também, uma outra situação que é muito presente na sala de aula, a indisciplina. A novidade de uma nova sala de aula e de novos amigos, acompanhados com a falta de interesse devido às pressões que a nova série impõe para a obtenção da aprendizagem, faz com que esse comportamento continue de forma mais agressiva, atrapalhando o seu rendimento escolar e dos seus colegas.

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO ENSINO-APRENDIZAGEM

De acordo com Ferreira (1997, p.39), o verbete afetividade está definido da seguinte forma: “Psicol. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a

forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza”. Portanto, a afetividade exerce um papel fundamental nas correlações psicossomáticas básicas, além de influenciar decisivamente a percepção, a memória, o pensamento, a vontade e as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana.

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação estreita tanto que as condições medíocres de um podem ser superadas pelas condições mais favoráveis do outro. Essa relação recíproca impede qualquer tipo de determinismo no desenvolvimento humano, tanto que “... a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência, onde a escolha individual não está ausente.” (WALLON, 1959; p. 288).

O ato de aprender pressupõe uma relação com outra pessoa: a que ensina. Essa pessoa é colocada pelo aluno, numa determinada posição que pode ou não propiciar a aprendizagem. É importante que o próprio professor entenda que o lugar que ocupa em relação aos seus alunos não é apenas o daquele que ensina. A transferência de conhecimentos atua, assim, no nível do simbólico, permitindo relações não perceptíveis, mas tão profundas a ponto de possibilitar ou não, a aprendizagem de certas matérias dadas por alguns professores.

A aprendizagem vincula-se às relações afetivas estabelecidas entre professores e alunos, pessoas que conhecem e se desconhecem no processo de ensino. A relação pedagógica propicia condições de exercício da autoridade a partir das relações originais, particularmente na transferência de conhecimentos que permitem renascer sentimentos hostis ou afetuosos, os quais podem impedir ou favorecer o reconhecimento da autoridade do professor para ensinar. A transformação da autoridade formal em real, depende de um campo favorável à relação professor-aluno.

Ao professor cabe facilitar a aprendizagem para o aluno, já que esta não é apenas cognitiva, valores, sentimentos e atitudes, ou seja, é aprendida. O professor, através da interação com os alunos, pode modificar seus próprios valores, ao despertar para esta nova realidade, já que é comum, na relação professor-aluno, este último sofrer maior influência do professor. Ao valorizar o autocontrole do aluno, não significa

apenas ser passivo, pelo contrário, mostra ter capacidade de discriminar os contextos apropriados para falar, brincar e rir. A atenção do professor e dos pais aos sinais de mal-estar é muito importante nos primeiros dias de aulas, após uma transição escolar. Tal situação pode ter origem no medo do desconhecido e de experiências novas, portanto, pode contribuir para gerar sintomas de fuga, medo e ansiedade relativamente à escola.

Segundo Briggs (2000; p.69), a auto-estima das crianças não é formada unicamente em uma fase, mas constantemente construída e sujeita a mudanças, por isso a sua base familiar e escolar deve ser segura e confiante para que possa superar as dificuldades da vida com mais facilidade. Partindo disso, o professor deve rever as práticas pedagógicas, que geralmente preocupam-se apenas com o conteúdo a ser trabalhado, avaliando somente o lado cognitivo, e com isso, desprezando o que o aluno tem a oferecer ou precisa receber, que é a afetividade nesta relação, favorecendo assim, um melhor desempenho.

AS MUDANÇAS BIOLÓGICAS QUE OCORREM NO ALUNO DO 6º ANO

É um período de transformações e desafios. A criança deve e precisa se adaptar à escola, é um ambiente onde surge vários tipos de emoções, movimentos, sons se misturam, constituindo uma vida escolar diferente da anterior. Desta forma, despertam aspectos pessoais até então desconhecidos.

A vivência das crianças entre a quinta e sexta série é uma gangorra oscilante, ocasionada pelas mudanças de atitudes. As alterações de humor e a convivência com diferentes professores, possibilitam ao aluno a construção de novas formas de se relacionar com o conhecimento, sendo responsável por sua ação. Desse movimento emerge “um sujeito que, pelo menos afetivamente, já começa a demonstrar ‘reformulações’ diante do seu grupo familiar e escolar” (LEONÇO, 1997; p.294).

Esta passagem é representada por um momento de transições e adaptações difíceis para o aluno. Observa-se que a mesma é marcada pela aplicação de maus tratos, traduzida pela impaciência de muitos professores com seus alunos, de dor e, naturalmente, temor e ansiedade aos envolvidos. Portanto, esta postura deve ser revista pelos professores, de modo a refletir seu comportamento diante de seres que

estão em formação e transição de fase de vida, quando está em busca e construção de uma nova identidade, pois ela passa a viver mudanças físicas e cognitivas as quais ele não está preparado.

Por outro lado, a família reclama da excessiva cobrança da escola para que os pais se responsabilizem mais pela aprendizagem da criança, da ausência de um currículo mais voltado para a transmissão de valores e para a preparação do aluno perante os desafios não-acadêmicos da sociedade e do mundo do trabalho. Diante disso, o que se observa é a ausência de uma melhor comunicação entre a escola e a família, quanto ao preparo e o acompanhamento do que é transmitido para o aluno, durante a sua vida escolar. Por isso, é preciso que professores, família e comunidade tenham claro que a escola, por sua complexidade, precisa contar com o envolvimento de todos.

PROPOSTAS E MEDIDAS PARA A MINIMIZAÇÃO DAS CONSEQUÊNCIAS DA TRANSIÇÃO

A presença de um professor que saiba entender os conflitos vivenciados por alunos de 6º ano é de fundamental importância, para a sua aprendizagem, mas para isso é necessário ele rever a sua didática que, em muitas vezes, as aulas são sucessivas sequências de um determinado livro didático, tornando-se repetitivas e desestimulantes. É preciso que a escola compreenda as inúmeras mudanças que ocorrem neste período da passagem de ciclos, portanto, deve-se direcionar um olhar diferenciado para esses alunos, nos aspectos psicológicos e biológicos que são fatores responsáveis pela repetência e evasão dos alunos do 6º ano. Pelo exposto, é importante que o educador esteja realmente engajado com a educação e seus mais variados problemas, os quais são ligados quase que diretamente com o desenvolvimento integral do ser humano e da sociedade.

Esta transição que se observa mudanças bio-psico-sociais no aluno que passa do 5º para o 6º ano, não conta com a ajuda de adultos próximos, e isso resulta em uma baixa auto-estima e fracasso escolar. É possível entender que se faz necessário uma nova competência pedagógica, que busque entender, solucionar ou amenizar tais impactos, adotando ações para discutir de forma positiva essas dificuldades do alunado,

e dessa forma poder amadurecer perspectivas para o surgimento de uma nova visão da problemática em questão.

Há muitas escolas que só se preocupam em preparar os alunos para entrar nas melhores faculdades. Elas erram por se focarem apenas neste objetivo. Mesmo que entrem nas melhores escolas, quando saírem, esses alunos poderão ter enormes dificuldades para dar solução a seus desafios profissionais e pessoais. (CURY, 2003; p.142)

O comportamento do professor deixam estes alunos assustados, pois mostram uma autonomia e postura diferenciada da professora da série anterior, pois estes mesmos alunos querem ser ouvidos, expor sua vivência de mundo e não só pelos exercícios que devem responder e esse desejo não pode ser realizado porque o professor tem que dar seu e o tempo de sua aula é pouco. O núcleo do trabalho do docente é a matéria e que para eles a “falação dos alunos” em sala é perda de tempo. Logo indaga-se: “sem qualquer demonstração de afeto, sem estabelecer vínculos com a criança, é possível educá-la?” (DIAS-DA-SILVA, 1997; p. 75).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na fase de transição do 5º para o 6º ano, são grandes as mudanças e algumas reflexões são necessárias, pois não é uma etapa fácil para os alunos, para os pais e nem para os educadores.

Para os alunos, a mudança de ciclo é marcante porque a dinâmica é muito diferente. Eles estão acostumados a uma professora que os conhece muito bem, e nesta transição sentem-se inseguros ao se deparar com um grande número de professores, com posturas e opiniões diferenciadas. A afetividade é um processo complicado no início, fazendo com que assumam uma postura bastante defensiva e ofensiva também e com isso vem o desânimo e vários comportamentos que são vistos de forma negativa.

Os pais precisam estar cientes dessa mudança e a sua participação é fundamental para essa passagem, que deve transcorrer de forma tranquila e positiva, e assim preparar alunos independentes e reflexivos. Os professores devem cumprir as situações diárias, mas também os pequenos e inesperados incidentes que pedem uma solução imediata, e um ânimo novo a todo instante, o que nem sempre é possível.

Na verdade, precisa-se ir em busca de soluções, repensando na postura do professor para que ele possa atuar de forma compatível ao comportamento destes alunos em fase de transição. Reformular estratégias e voltar a atenção aos interesses dos alunos é a saída, inclusive para uma vida profissional mais estimulante, pois esta passagem requer um acolhimento que envolva afetividade e um entendimento melhor sobre o que passa na mente dessas crianças que só querem ser bem recebidos e compreendidos. Com isso, mesmo situados em suas facilidades e dificuldades, são e estimulados para irem em frente, portanto, certamente ficarão mais motivados. O professor deve ter um olhar muito atento para que as potencialidades dos seus alunos sejam esquecidas ou nunca descobertas.

Ainda vale lembrar que este aluno não necessita só de carinho, mas também de um pulso firme, que lhe mostre a necessidade de lidar com as adversidades e frustrações e para isso ele precisa de alguém ao seu lado para lhe corrigir quando preciso e aplaudir seus acertos.

É de suma importância fatores como: organização, segurança, disciplina e limites claros e firmes para colaborar para a formação deste ser humano. A Escola e a família precisam ser parceiras, cumprindo seriamente a sua parte, desempenhando seu papel de forma comprometida. As conversas e trocas de opiniões são necessárias e devem ser frequentes para que as mudanças e o crescimento sejam encarados de frentes. É assim que se garantem caminhos promissores, estimulando e acreditando sempre em pessoas que estão em plena formação.

REFERÊNCIAS

1. BOSSA, R. **A Passagem da quarta para a quinta série do ensino fundamental na percepção do aluno, de seus pais e de seus professores.** São Paulo, Atlas. 2000.
2. CURY, Augusto. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes.** São Paulo, SP: Ed. Sextante, 2003.
3. DIAS-DA-SILVA, M. H. G. F. **Passagem sem rito: as 5^{as} séries e seus professores.** Campinas: Papirus, 1997.

4. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda . **Mini Aurélio Século XXI Escolar:** o minidicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1997.
5. LEITE, D. M. (1999). **Promoção automática e adequação do currículo ao desenvolvimento do aluno.** Estudos em Avaliação Educacional, Petrópolis, Vozes, 1999.
6. LEONÇO, V. C. **Séries Intermediárias:** o aluno em transição. Rio Grande do Sul, Ciências e Letras. 1997.
7. LOPES, A. C. **Políticas Curriculares: continuidade ou mudança de rumos?** Revista Brasileira de Educação, n. 26 maio/ago, 2006.
8. LOURENCETTI, G.C. **Mudanças sociais e reformas educacionais: repercussões no trabalho docente.** São Paulo, Artmed , 1999.
9. WALLON, H.. **Psicologia.** Maria José Soraya Weber e Jaqueline Nadel Brulfert. São Paulo: Ática, 1959.